

## DIFERENTES PROFUNDIDADES DE SEMEADURA PARA SEMENTES DE PITAIA (*HYLOCEREUS POLYRHIZUS*)

JACQUELINE BARCELOS DA SILVA<sup>1</sup>; CARLA DIAS TUNES<sup>2</sup>; VANESSA  
PINTO GONÇALVES <sup>3</sup>; FERNANDA MOTTA XAVIER<sup>4</sup> ; ANDREIA DA SILVA  
ALMEIDA<sup>5</sup>

<sup>1</sup>UFPeI- Universidade Federal de Pelotas - jackelinecnj@hotmail.com

<sup>2</sup>UFPeI - Universidade Federal de Pelotas- carladtunes@gmail.com

<sup>3</sup>UFPeI- Universidade Federal de Pelotas - vanessapg83@hotmail.com

<sup>4</sup>UFPeI- Universidade Federal de Pelotas- fehxavier@hotmail.com

<sup>5</sup>UFPeI- Universidade Federal de Pelotas – andreiasalmeida@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

A pitia é uma planta rústica da família Cactácea, conhecida como “Dragon Fruit (Frutado - Dragão)”. São encontradas diferentes espécies de pitia, sendo alguns comerciais e outras nativas.

De acordo com a espécie, seus frutos podem apresentar propriedades físicas e químicas diversificadas quanto ao formato, presença de espinhos, cor da casca e da polpa, teor de sólidos solúveis e pH na polpa, reflexo da alta diversidade genética desta frutífera (LIMA et al., 2013).

No cenário nacional, com base nos dados do Censo Agropecuário 2017 o Brasil, em 2017, produziu cerca de 1.493,19 toneladas de pitia, em 3.086 estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2019).

São Paulo com 33,66% da produção nacional em 526 estabelecimentos e Santa Catarina com 21,39% e 275 estabelecimentos, são os principais produtores.

No Rio Grande do Sul tem aproximadamente 650 estabelecimentos agropecuários com cultivo de pitia, porém o estado é responsável por apenas por 5,80% da produção nacional da fruta (IBGE, 2018).

O sucesso de uma cultura depende de uma boa sementeira, por isso, atenção especial deve ser dada a esta operação.

Com o objetivo de identificar uma profundidade de sementeira adequada para a cultura da pitia foi realizado um estudo comparando distintas profundidades (1,5; 2,5 e 3,5 centímetros (cm)).

### 2. METODOLOGIA

O experimento foi realizado no Laboratório Didático de Análise de Sementes “Flávio Farias da Rocha” da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da Universidade Federal de Pelotas (FAEM/UFPeI). Utilizando-se frutos maduros de pitia de polpa rosa, obtidos em pomares da região.

As sementes foram retiradas dos frutos de pitia pelo método de extração em água corrente, após foram colocadas para secar em temperatura ambiente

sobre papel toalha durante 24 horas e logo em seguida alocadas nos devidos tratamentos.

As sementes foram colocadas manualmente em bandejas plásticas contendo areia como substrato e 50 sementes compondo cada repetição dos tratamentos (1,5; 2,5 e 3,5 cm).

Após semeadura as bandejas foram mantidas em ambiente com temperatura controlada ( $\pm 25^{\circ}\text{C}$ ). Durante este período, avaliou-se o índice de velocidade de emergência (IVE) das plântulas de pitaia. O IVE (índice de velocidade de emergência) foi avaliado por meio de contagens diárias até a estabilização do mesmo, e seus valores foram determinados pela seguinte equação:

$$E = \frac{E_1}{N_1} + \frac{E_2}{N_2} + \dots + \frac{E_n}{N_n}$$

Em que,  $N_1 \dots N_n$  = número de dias decorridos da semeadura até a respectiva contagem;  $E_1 \dots E_n$  = número de plântulas emergidas em cada dia considerado.

O delineamento experimental foi inteiramente casualizado com quatro repetições de 50 sementes cada por tratamento. Através da análise da variância foram feitas as comparações entre as médias dos tratamentos pelo teste de Tukey, ao nível de 5% de probabilidade

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como podemos verificar na tabela 1, a profundidade de 3,5 centímetros (cm) não apresentou um resultado satisfatório quando comparado aos demais tratamentos.

Koakoski et al. (2007) e Weirich Neto et al. (2007) relatam que, quanto maior a profundidade, maior o consumo de energia na emergência, além de prejuízos causados por baixas temperaturas e baixos níveis de oxigênio; enquanto que quanto menor a profundidade, maior a susceptibilidade da semente a estresses hídricos, dificultando assim o processo de emergência.

Na profundidade de 1,5 e 2,5 cm não apresentaram diferença estatística, evidenciando uma profundidade satisfatória. Tillmann et al. (1994) ao realizar experimento com sementes de tomate encontrou a profundidade de 1,5 cm como a mais indicada para a semeadura de tomate, por possibilitar maiores índices de velocidade de emergência e estande final.

**Tabela 1:** Índice de velocidade de emergência (IVE) de plântulas de pitaia polpa rosa em diferentes profundidades de semeaduras.

Profundidade	IVE	
1,5	16,41	A <sup>1/</sup>
2,5	16,38	A
3,5	4,75	B
CV (%)	14,34	

<sup>1/</sup>Médias (de quatro repetições) seguidas por mesma letra na coluna não diferem entre si pelo teste de Tukey ( $p \leq 0,05$ ). CV=coeficiente de variação.

#### 4. CONCLUSÕES

As profundidades de 1,5 e 2,5 centímetros são recomendadas para semeadura em bandejas de sementes de pitaia (*Hylocereus polyrhizus*).

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6616#resultado>. Acesso em: 11 agosto 2020.

KOAKOSKI, A. et al. Desempenho de semeadora-adubadora utilizando-se dois mecanismos rompedores e três pressões da roda compactadora. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v. 42, n. 5, p. 725-731, 2007.

LIMA, C. A.; FALEIRO, F. G.; JUNQUEIRA, N.T. Diversidade genética intra e interespecífica de pitaia com base nas características físico-químicas de frutos. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 35, n. 4, p. 1066-1072, 2013.

TILLMANN, M. A.A; Z. PIANA, Z; CAVARIANI. C; MINAMI. K. Efeito da profundidade de semeadura na emergência de plântulas de tomate (*Lycopersicon esculentum* Mill.). Scientia Agricola Piracicaba, São Paulo. v.51 n.2 maio/agosto 1994.[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010390161994000200010&script=sci\\_arttext&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010390161994000200010&script=sci_arttext&lng=pt). Acesso em: 25 agosto 2020.

WEIRICH NETO, P. H. et al. Profundidade de deposição de semente de milho na região dos campos gerais, Paraná. Engenharia Agrícola, Jaboticabal, v. 27, n. 3, p. 782-786, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-69162007000400022>.